

# JORNAL#7

A OSSO é uma associação cultural sediada na  
aldeia de São Gregório, Caldas da Rainha, cujo  
trabalho se foca no apoio à criação, formação,  
investigação e programação artística.





03

Ricardo Jacinto c/ MEDUSA Unit

ENSAIO 01 -  
Residência  
Artística

08

Jo Castro c/ Lui L'Abbate e Rezmorah

ENSAIO 02 -  
Residência  
Artística

17

Hugo Brito

RECEITUÁRIO

18

Holofote

EDUARDO  
OLIVEIRA

11

Caderno dos Labirintos  
Diogo TudelaESPIÕES E CÓDIGOS  
SECRETOS

22

Espécies

ABELHA-EUROPEIA

## EDITORIAL

Chegamos à sétima edição do Jornal da OSSO, dedicado ao segundo ciclo de residências da OSSO em 2024. Entre Maio e Julho, para além de recebermos um conjunto de residências de curta duração, que incluíram o coreógrafo Romain Beltrão, a turma do mestrado em New Media da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, o artista sonoro Gil Delindro, os produtores uivO+Sublime808 e o trio do trompetista e compositor João Almeida, acolhemos dois artistas transdisciplinares, Ricardo Jacinto e Jo Castro, que desenvolveram projectos de maior duração enquanto residentes no nosso espaço.

Estes artistas apresentam ensaios visuais e sonoros neste Jornal, partilhando assim algum do material e temas que desenvolveram nos períodos de residência.

O artista plástico, músico ou arquitecto Ricardo Jacinto focou este período no desenvolvimento de novo material musical, sonoro e plástico para o grupo MEDUSA unit. Este septeto, com a colaboração dos músicos Alvaro Rosso, André Hencleeday, Eleonor Picas, João Almeida, Nuno Morão e Yaw Tembe, esteve em ensaios para a elaboração de peças que articulam elementos da geofonia de São Gregório, mais especificamente o vento, com novas composições e estratégias cenográficas, juntando gravações de campo, electrónica e a instrumentação electro-acústica presente neste projecto. Nas páginas do ensaio podem aceder a dois excertos sonoros dos ensaios gravados e misturados durante a residência, que serão tocados ao vivo no Salão de São Gregório.

Durante o mês de Julho, Jo Castro, artista queer transdisciplinar que desenvolve os seus projetos entre a dança, a performance, a voz e o som, trouxe em residência artística o seu projecto LABIA, aqui desenvolvido em colaboração com o multi-artista e desenhador de luz Lui L'Abbate e a performer Rezmorah. Este projecto apresenta-se como "a construção de um universo que possibilita extrapolar e transcender a materialidade individual e corpórea, desfazendo a língua(gem) colonizadora e binária, propondo discursos da língua, ampliando as suas múltiplas possibilidades num processo artístico e de vida sem fim." Pela mão de Jo Castro, LABIA trouxe para a OSSO uma visão urgente sobre transformações na linguagem e no pensamento artístico que podem ampliar o espaço de liberdade dos nossos corpos e dos seus múltiplos encontros. Esta residência, para além da

presença neste Jornal, estende-se a uma Oficina de dança e movimento para os mais novos, bem como a um programa original para o nosso projecto de rádio EIRA. Teremos ainda a oportunidade de assistir a uma apresentação no Dia Aberto.

Na Escola dos Labirintos, continuámos a dinamizar as Oficinas Abertas, onde as crianças puderam desenvolver as suas próprias propostas de projecto, e tivemos oficinas temáticas orientadas por educadores convidados. Diogo Tudela e Marcelo Reis apresentaram a oficina "Espíões e códigos secretos", que trouxe às crianças uma entrada divertida e desafiadora no mundo da lógica, do código e da programação. Esta oficina estende-se neste Jornal ao Caderno dos Labirintos, com novos desafios para os mais novos. Continuando o nosso interesse na educação ambiental das crianças, o engenheiro Marco Bernardo trouxe-nos uma oficina de "Reciclagem Solar de Plástico" onde as participantes mergulharam na prática sustentável de recolher, identificar e moldar plásticos encontrados na aldeia.

A rubrica Holofote desta edição desenvolve-se em torno de uma conversa com o Eduardo Oliveira, figura bem conhecida da aldeia de São Gregório, que abriu a sua casa ao nosso fotógrafo e que foi o mote para se falar de uma ética e estética da construção, arquitectura e memória colectiva.

O Receituário mantém a presença do nosso Chef Hugo Brito, desta vez estendendo a sua participação no Jornal à escrita de uma pequena ficção gastronómica que será "servida" nos próximos Dias Abertos.

Como Espécie, escolhemos a pequena Abelha-Europeia, um insecto fundamental para o equilíbrio ecológico e a segurança alimentar global.

## SÓCIO S

Ser sócio da OSSO dá desconto nos eventos públicos dos dias abertos e nas oficinas para crianças.

Cota anual: 12€

Contacto: [ossocultural@gmail.com](mailto:ossocultural@gmail.com)

**JORNAL OSSO #7** | Edição: Ricardo Jacinto | Design Gráfico: Alexandra Borges | Fotografias: João Quirino | Distribuição online: Gazeta das Caldas | Revisão: Nuno Morão e Rita Thomaz  
Impressão: Gracal | Produção: OSSO | **OSSO** | Direcção Artística: Ricardo Jacinto | Direcção Gestão: Rita Thomaz | Direcção Técnica: Nuno Morão | Produção: Liliana Ferreira | Produção (oficinas): Maria Graça | Orientadoras (oficinas): Lucas Resende, Rita Oliveira | Centro de Documentação e Loja: Ivo Santos | Design Gráfico: Alexandra Borges | Documentação: João Quirino, Joana Rodrigues e Inês Gomes | Assistência técnica: Lucas Keating | Monitores: Laura Santos | **APOIOS** Município Caldas da Rainha, Gazeta das Caldas, União das Freguesias das Caldas da Rainha - Nossa Sª do Pópulo, Coto e São Gregório, Antena 2

OSSO

OSSO é uma estrutura financiada por:

dgARTES  
DIRECÇÃO-GERAL  
DAS ARTES





O **Siroco** é um vento quente e muito seco que se origina no deserto do Saara, sendo gerado por sistemas de baixa pressão que se desenvolvem no norte de África ou no sul da Europa, criando um gradiente de pressão que puxa o ar quente e seco para o norte. Caracteriza-se por altas temperaturas, que podem variar entre 20°C e mais de 40°C, e inicialmente baixa humidade, embora possa absorver humidade ao atravessar o Mar Mediterrâneo. A sua velocidade pode variar entre 30 a 50 km/h, podendo ultrapassar os 100 km/h em casos extremos, soprando geralmente do sudeste para noroeste.

O Siroco é causador de grandes tempestades de areia, levantando enormes massas de poeira, reduzindo a visibilidade e tendo grande impacto na qualidade do ar. A sua chegada pode resultar em aumentos bruscos de temperatura, criando ondas de calor e, em algumas situações, contribuir para eventos de precipitação intensa.

*Os dois fragmentos sonoros e musicais aqui apresentados foram gravados durante o período de ensaios da MEDUSA Unit na OSSO.*

*As fotografias das copas das árvores foram tiradas pelo João Quirino durante um passeio onde olhámos o céu e escutamos o vento.*

## [ Siroco I ]







## **MEDUSA unit**

Violoncelo, Eletrónica e  
Composição

**Ricardo Jacinto**

Trompete e Electrónica

**João Almeida**

Trompete, Ewi e Electrónica

**Yaw Tembe**

Orgão Hammond

**André Hencleeday**

Harpa

**Eleonor Picas**

Baixo Eléctrico

**Alvaro Rosso**

Percussão e Harmónio

**Nuno Morão**

**[ Siroco II ]**



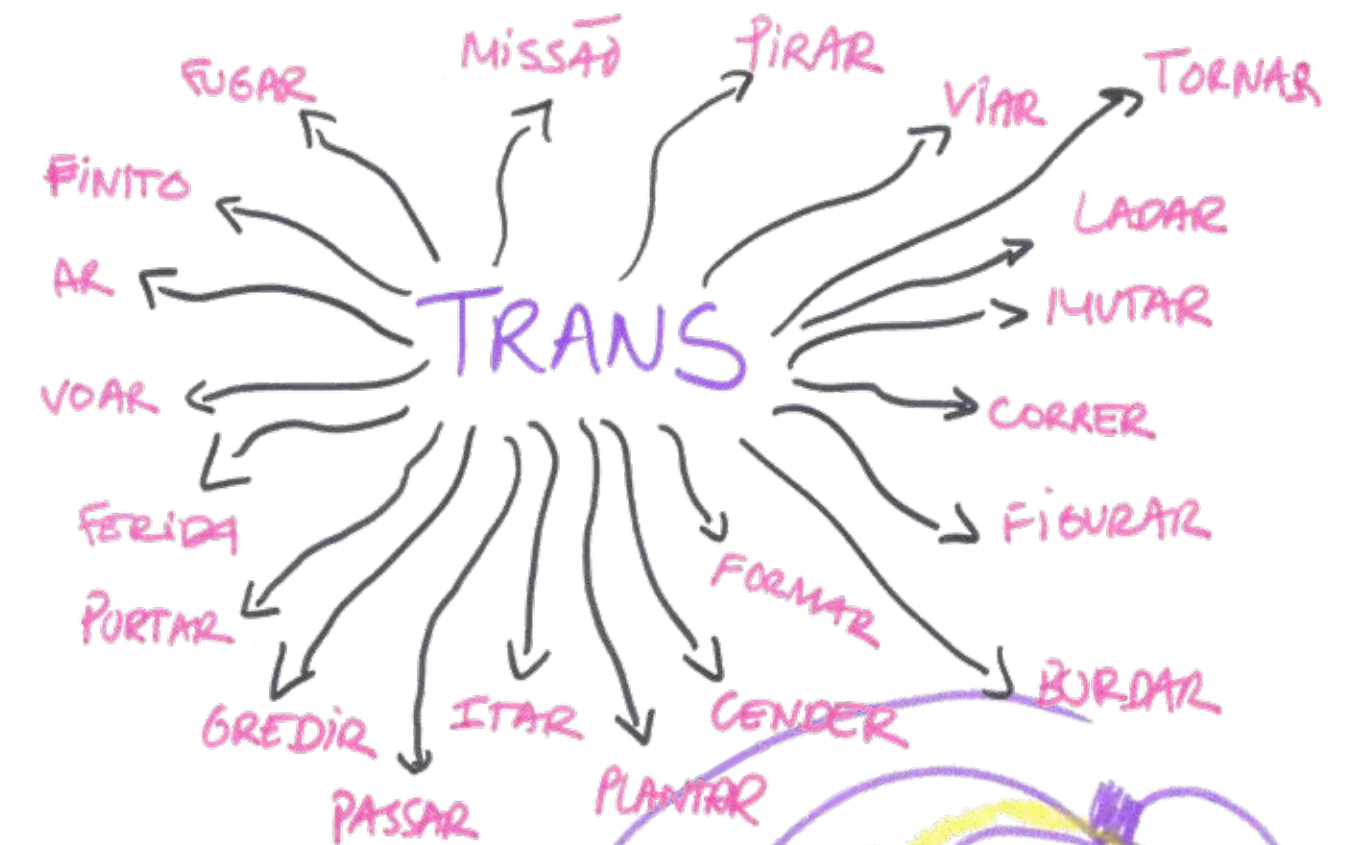




JO CASTRO

Cum LUI L'ABBATE E REZMORAH

LABIA



#### Jo Castro (ile/dile/they/them).

Artista queer transdisciplinar que desenvolve os seus projetos entre a dança, a performance, a voz e o som, tendo apresentado algumas das suas obras em Portugal, França, Bélgica, Alemanha e Brasil.

Para além de questões como a morte, a memória e a espectralidade invadirem o seu universo pessoal e artístico, as questões de género são transversais ao seu percurso numa pesquisa de uma corpe que se des(re)constrói e opera em estados entre.

Nos últimos anos tem vindo a desenvolver alguns projetos em vídeo e cinema em colaboração com outros artistas.

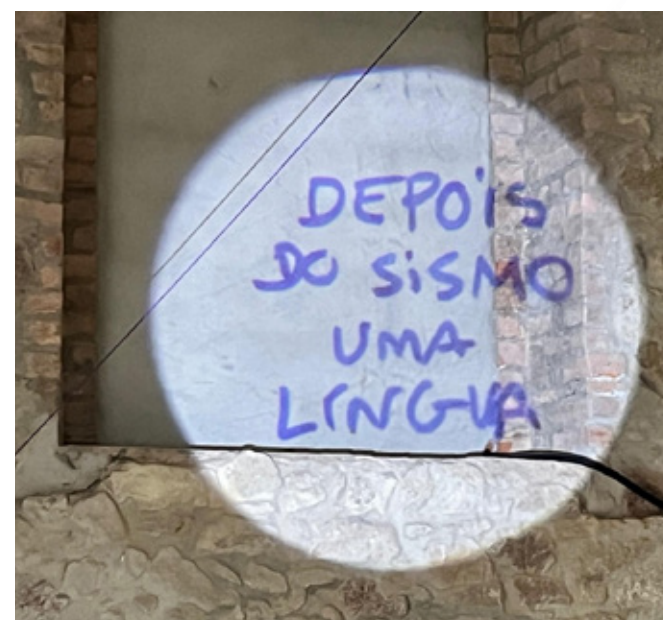
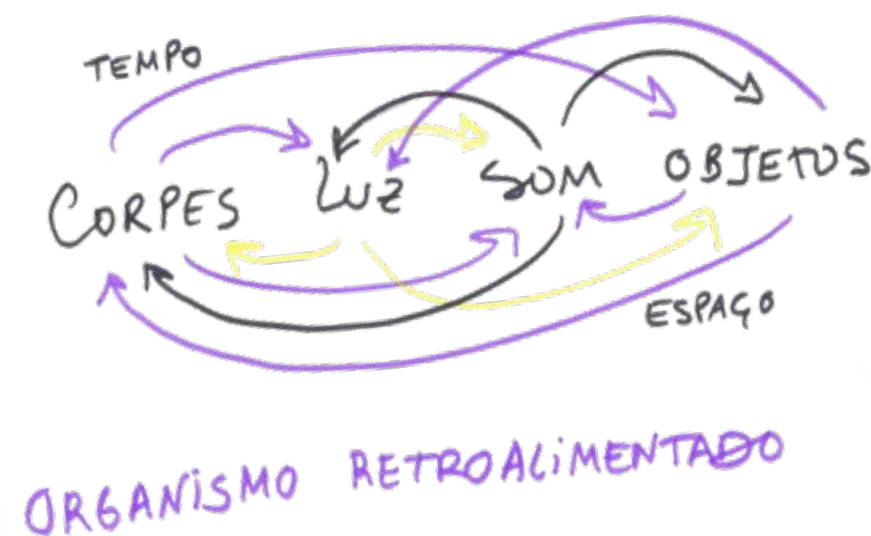
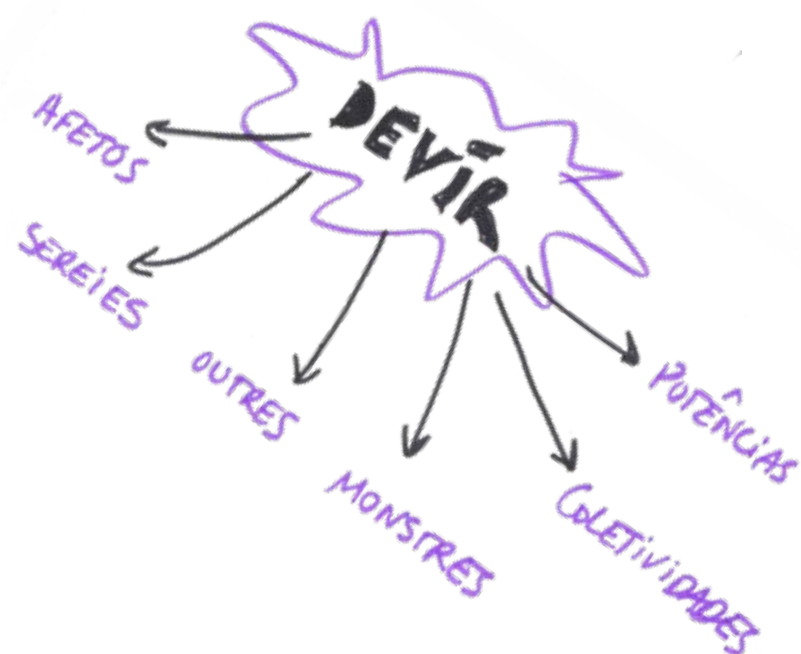
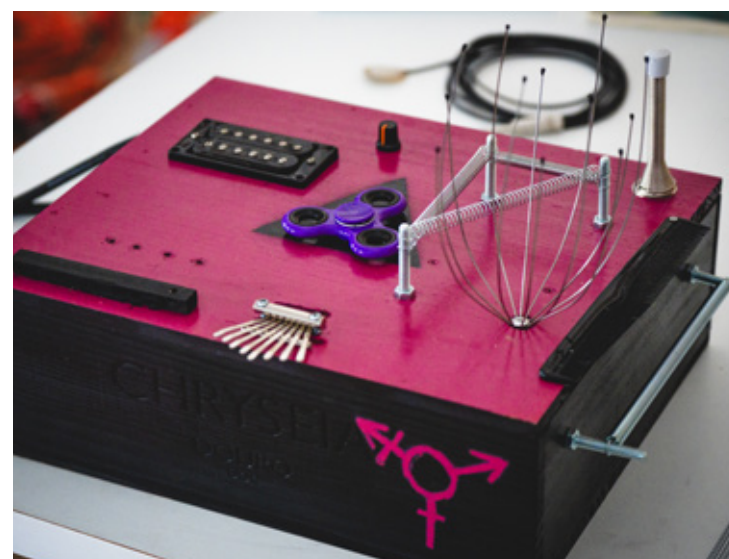
**LABIA** é a construção de um universo que possibilita extrapolar e transcender a materialidade individual e corpórea, desfazendo a língua(gem) colonizadora e binária, propondo discursos da língua, ampliando as suas múltiplas possibilidades num processo artístico e de vida sem fim.

Este projeto propõe a urgência de devir-coletividades preservando as subjetividades e relação desierarquizada entre estas. Um encontro entre artistas multi e transdisciplinares, que navegam entre mundos sem se encerrar em formas enraizadas de operar, numa coexistência e resignificação das suas (res)(ex)istências, construindo e destruindo objetos artísticos, em cada espaço e tempo que ocupar.

LABIA traz para a OSSO memórias, construções e afetos de momentos de processo anteriores que aqui ganham novos contornos, permitindo-se transtornar e transbordar noutras cosmologias.

PLURIVERSALIDADE  
VS  
UNIVERSALIDADE





# ESPIÕES e CÓDIGOS SECRETOS

Diogo Tudela



## OS CÓDIGOS SECRETOS

### ATBASH

O nosso primeiro código tem um nome esquisito e é muito antigo. Chama-se Atbash e era utilizado para codificar ou encriptar o alfabeto hebraico. Nós não o vamos utilizar com o alfabeto hebraico. Vamos utilizar o nosso alfabeto, o alfabeto latino. O Atbash é parecido com o código das posições das letras mas no Atbash as letras não são substituídas por números, mas sim por outras letras. Isto parece bem confuso... mas vamos lá tentar perceber como é que este código milenar funciona.

Vamos imaginar que nos deparamos com a seguinte palavra...

### HLO

Mas o que é que é isso? Será que existe alguma palavra escondida nestas letras? No Atbash cada letra do alfabeto corresponde à letra do alfabeto escrito em ordem contrária. Ou seja, a ordem normal do alfabeto é invertida, em vez de começar em A, B, C... começa em Z, Y, X... Desse modo, o A corresponde ao Z, o B corresponde ao Y, e o C ao X.

Então, seguindo o nosso exemplo...  
se o **H** corresponde ao **S**,  
se o **L** corresponde ao **O**,  
se o **O** corresponde ao **L**...  
Então as letras **HLO** escondem a palavra **SOL**.



Pede ajuda para fazer download do ficheiro para cortar.

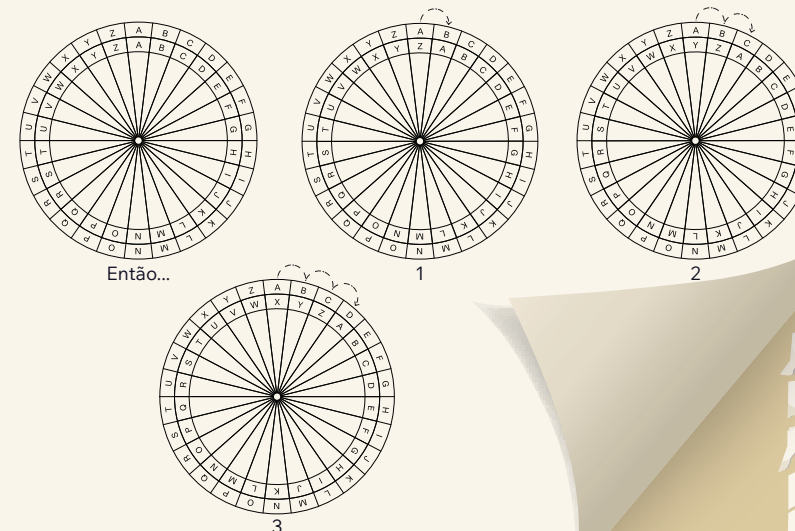
A	←	→	Z
B	←	→	Y
C	←	→	X
D	←	→	W
E	←	→	V
F	←	→	U
G	←	→	T
H	←	→	S
I	←	→	R
J	←	→	Q
K	←	→	P
L	←	→	O
M	←	→	N
N	←	→	M
O	←	→	L
P	←	→	K
Q	←	→	J
R	←	→	I
S	←	→	H
T	←	→	G
U	←	→	F
V	←	→	E
W	←	→	D
X	←	→	C
Y	←	→	B
Z	←	→	A

### A CIFRA DE CÉSAR

Este código secreto chama-se Cifra de César devido ao imperador romano Júlio César. Júlio César usava este sistema para esconder o verdadeiro significado das suas mensagens.

A Cifra de César é um sistema para baralhar letras. Depois de baralhar as letras, torna-se muito difícil perceber que segredos aquela mensagem esconde. Assim, César garantia que caso a sua mensagem caísse em mãos inimigas, ninguém conseguiria descobrir o seu significado.

A Cifra de César funciona da seguinte forma: primeiro temos de escolher uma "chave". Uma chave é um número à nossa escolha entre 1 e 26. Para percebermos como funciona esta cifra, vamos escolher o número 3 como chave. Agora, utilizando o nosso disco secreto, vamos rodar o círculo interior 3 posições para a direita, tal como ilustrado na imagem abaixo.

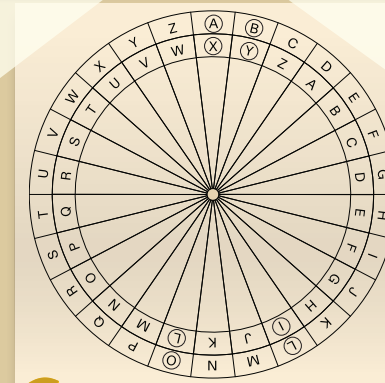


Depois de termos rodado o círculo interior 3 posições para a direita, podemos agrupar as letras de fora com as de dentro.

Por exemplo...

a letra A faz par com a letra X,  
a letra B faz par com a letra Y,  
a letra C faz par com a letra Z,  
...e assim por diante.

Utilizando estes pares, vamos tentar escrever a palavra BOLA através do nosso sistema secreto.



A letra B faz par com letra Y.  
A letra O faz par com a letra L.  
A letra L faz par com a letra I.  
A letra A faz par com a letra X.

**BOLA**  
↓ ↓ ↓ ↓  
**Y L I X**

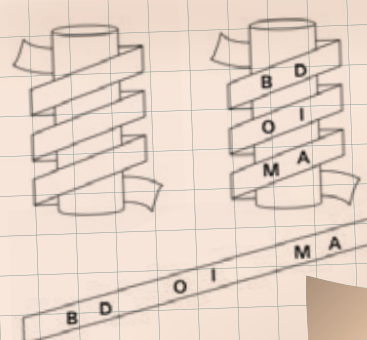
### CÍTALA

A cítala era um modo de esconder mensagens utilizado pelos militares espartanos. Esparta era uma cidade da Grécia Antiga conhecida pelos seus bravos guerreiros, os quais se serviam desta técnica para transmitir mensagens entre si sem que os seus inimigos conseguissem perceber o seu significado.

Para esconder uma mensagem através da cítala são necessários uma tira de papel e um objeto cilíndrico, como um tubo. Como podemos ver na primeira imagem, começamos enrolar a tira de papel à volta do tubo. Para o código funcionar a tira tem de dar várias voltas ao tubo. No nosso exemplo, damos três voltas ao tubo!

Depois de enrolar a tira de papel, escrevemos uma mensagem de cima para baixo. Vamos experimentar com a frase BOM DIA. Escrevemos a primeira palavra de cima para baixo, com uma letra em cada volta, e depois, escrevemos a segunda palavra. Podes ver como o fazer na segunda imagem.

Por fim, desenrolamos a tira de papel. As letras vão estar todas trocadas. Só alguém que conheça a cítala e tenha um tubo de diâmetro igual ao nosso é que poderá decifrar as nossas mensagens secretas.



### CIFRA MAÇÓNICA

Este código secreto foi inventado em 1533 por Henrique Cornélio Agrippa e foi utilizado por algumas sociedades secretas como modo de enviar mensagens escondidas. Para utilizar este sistema temos de utilizar o desenho do picotado abaixo. Que palavra é que estes símbolos escondem?



Vamos olhar para o esquema do lado e tentar perceber qual a forma do espaço onde está guardada cada letra. Então...  
O espaço guarda a letra G,  
O espaço guarda a letra A,  
O espaço guarda a letra T,  
O espaço guarda a letra O.  
Que palavra está então escondida nos símbolos secretos?

A	B	C	J	K	L
D	E	F	M	N	O
G	H	I	P	Q	R
S			W		
T	U		X	Y	Z
V					



## O ENIGMA

Temos informações confidenciais que revelam que um colectivo misterioso anda a organizar atividades duvidosas. Contudo, não sabemos qual o nome secreto do grupo. Felizmente, os nossos peritos conseguiram interceptar uma mensagem que acreditamos revelar o nome desse grupo de malfeitores... mas parece estar codificada. Será que podemos contar com a tua perícia para desmascarar este grupo?

A mensagem que conseguimos interceptar é a seguinte...

**K . 0 . 0 . K**

Sabemos que o nome da organização secreta foi codificado através da Cifra de César mas não sabemos qual é a chave.

Para complicar a situação, recebemos informações contraditórias de 7 espões diferentes. Abaixo encontra-se uma lista com o número que cada espião alega ser a chave. Só um deles está certo. Os outros estão errados ou são agentes duplos!

### DICAS DOS INFORMADORES

- Duško Popov — 7
- Edward Snowden — 3
- Minna Craucher — 1
- Harriet Tubman — 4
- Klaus Fuchs — 6
- Alfreda Bikowsky — 2
- Virginia Hall — 5

Por sorte, recebemos há pouco uma mensagem com os seguintes símbolos:



Estamos confiantes que a mensagem esconde as iniciais do espião com a chave correcta. Consegues reconhecer estes símbolos? Que mensagem escondem?

Tínhamos razão? A mensagem esconde as iniciais do nome do espião com a chave correcta? Se a resposta a que chegaste não coincide com as iniciais de nenhum dos 7 espões, não te esqueças de que estamos a lidar com profissionais! Não desistas! Se calhar, o resultado também está codificado! Mas como? Para além da Cifra de César e da Cifra Maçónica, que outros códigos conheces?

Já descobriste qual dos espões tem a chave correcta? Utilizando essa chave, consegues descobrir qual o nome da organização secreta? Qual é?

**Desafio Extra**  
Já agora! Será que consegues descobrir no mapa onde se encontra a base secreta da organização?

### BLOCO DE NOTAS



Se estes números não fazem sentido para ti, investiga o PDF de impressão dado por QR code nas páginas anteriores para descobrires como os decodificar!



Pequeno GLOSSÁRIO de palavras e ideias:

**Encriptar** - Colocar uma informação em código secreto para que só possa ser lida por alguém que tenha a chave para decifrá-la.

**Alfabeto hebraico** - Formado por 22 letras, é escrito da direita para a esquerda. É usado não só para escrever hebraico, mas também em textos religiosos judaicos e em outras línguas faladas por judeus.

**Milenar** - Algo que tem milhares de anos de idade ou que existe há muito, muito tempo.

**Henrique Cornélio Agrippa** - Foi um filósofo, médico e escritor do século XVI, conhecido por estudos no campo da magia, ocultismo e alquimia. Escreveu livros importantes sobre esses temas, combinando conhecimento científico e místico da época.

**Enigma** - Um mistério ou um quebra-cabeça difícil de entender ou resolver.

**Agente Duplo** - Pessoa que finge trabalhar para um grupo ou país, mas na verdade está secretamente a trabalhar para outro grupo ou país rival.

**Duško Popov** - Nascido em 1912 na Sérvia, o espião e agente duplo Dušan Popov, mais conhecido como Duško Popov, foi uma das principais inspirações para a personagem criada por Ian Fleming, o famoso James Bond. Como agente duplo durante a Segunda Guerra Mundial, Popov fez-se passar por simpatizante dos Nazis, passando-lhes informações falsas, ao mesmo em que espiava a favor dos Aliados.

**Edward Snowden** - Ex-funcionário da Agência de Segurança Nacional (NSA) dos Estados Unidos. Ficou conhecido por divulgar informações secretas em 2013, revelando que o governo dos EUA estava a monitorizar e a recolher dados de milhões de pessoas por todo o mundo, sem que elas soubessem. As suas ações levantaram muitas discussões sobre privacidade e segurança.

**Harriet Tubman** - Harriet Tubman, nascida em 1822 nos Estados Unidos, foi uma abolicionista, isto quer dizer que era a favor da abolição da escravatura na sua terra natal. Desse modo, durante a Guerra Civil Americana, atuou como espiã para a União, ou seja, a favor dos 23 estados que se batiam

pelo fim da escravatura. Para além da espionagem, Tubman também resgatou vários escravos durante o conflito, tendo sido uma importante sufragista após o final do conflito.

**Feminismo** - Movimento social, político e cultural que procura a igualdade de direitos, oportunidades e dignidade entre pessoas de diferentes identidades de género. Historicamente centrado na luta pelos direitos das mulheres, o feminismo contemporâneo abrange uma ampla gama de questões, incluindo justiça reprodutiva, equidade salarial, combate à violência de género, inclusão de mulheres em posições de liderança e direitos LGBTQIA+. Além de desafiar normas sociais e estruturas de poder que perpetuam a opressão baseada no género, o feminismo promove a celebração da diversidade de experiências e o reconhecimento das interseccionalidades que moldam as identidades e vivências das pessoas ao redor do mundo.

**Interseccionalidade** - Conceito teórico que surgiu no contexto feminista e que se refere à relação complexa e interligada entre diferentes formas de discriminação e opressão, como género, raça, classe social, orientação sexual, capacidades físicas e mentais, entre outros aspetos identitários. Proposto por Kimberlé Crenshaw, o termo destaca como essas diferentes dimensões de identidade podem sobrepor-se e influenciar-se mutuamente, criando experiências únicas e frequentemente multiplicativamente discriminatórias para indivíduos ou grupos. A interseccionalidade enfatiza a necessidade de abordagens inclusivas e holísticas no ativismo, na política e na pesquisa, reconhecendo que as lutas por justiça social devem considerar e enfrentar as diversas formas de opressão simultaneamente.

**Queer** - Originalmente um termo pejorativo para insultar pessoas LGBTQ+, foi ressignificado na década de 80 como um símbolo de orgulho e resistência dentro da comunidade LGBTQ+. Hoje, é usada amplamente para descrever identidades de género e orientações sexuais que não se enquadram nas normas heterossexuais e cisgéneras, incluindo gays, lésbicas, bissexuais, pessoas trans, pessoas não-binárias, panssexuais, assexuais, entre outras. A palavra “queer” é também empregada em contextos académicos e teóricos (teoria queer), que analisam e desafiam estruturas de poder, normas sociais e políticas de identidade, enfatizando a fluidez e a diversidade das experiências individuais.”

Brevemente na BIBLIOTECA da OSSO:

“Estudos do Labirinto” de Károly Kerényi, 2008, Assírio e Alvim.

“Fluxus Escrito” de Mariano Mayer (comp.), 2019, Caja Negra.

"A criança de areia" de Tahar Ben Jelloun, 1990, Editorial Estampa.

“A conquista do pão” de Piotr Kropotkin, (1.ª edição) 1892, Reedição Guimarães & C.ª editores, (3.ª edição), Julho de 1975.

“Para educar crianças feministas: um manifesto” de Chimamanda Ngozi Adichie, 2017, Companhia das Letras.

“Beyond the gender binary” de Alok Vaid-Menon, 2020, Editor: Penguin Putnam Inc.

“Mulheres, raça e classe” de Angela Davis, (1.ª edição 1983) 2023, Orfeu Negro.

“Calibã e a Bruxa” de Silvia Federici, 2020, Orfeu Negro.

“Não vão nos matar agora” de Jota Mombaça, 2021, Editora Cobógo.

"Memórias da plantação: episódios de racismo quotidiano" de Grada Kilomba, (1.ª edição 2019), 2022, Orfeu Negro.



Hugo Brito

1 + 1 = 1

Rodeada por colinas onduladas e antigos pomares, a aldeia, com suas casas de pedra e caminhos de terra sinuosos, parecia intocada pelos séculos que passavam. A vida seguia um ritmo antigo, marcado pelo toque diário do sino da igreja e pela sucessão das estações do ano.

No centro da aldeia, erguia-se uma modesta taberna, famosa pelos assados e pelas bifanas, uma receita que havia sido passada por incontáveis gerações. A bifana era mais do que um simples alimento; era o espírito duradouro da aldeia transformado em fatias de carne de porco marinadas numa mistura de vinho, alho e especiarias, dentro de um pão assado ali mesmo ao lado.

No entanto, a mudança tem uma maneira de passar despercebida.

Tudo começou de forma subtil. Um verão, um jovem cozinheiro chegou à aldeia, tendo viajado por terras distantes, e pediu emprego na taberna. Os proprietários, já cansados de tantas horas em frente ao fogão, deram-lho logo.

A princípio, os aldeões estavam céticos sobre as habilidades deste estrangeiro. Eram pouco gulosos por novidades, e parecia-lhes que as alterações que adivinhavam em pratos que

não mudavam há gerações, não eram coisa a encorajar, mas o jovem foi paciente e respeitoso. Começou com pequenos ajustes – um toque de cominhos na marinada, a carne cortada um pouco mais fina, e os aldeões elogiavam-lhe as bifanas, sem perceberem a mudança gradual.

Com o tempo, muito tempo, a carne de porco foi sendo cozinhada ainda mais lentamente, e apareceu um novo prato nas mesas da taberna, uma tarte de porco desfiado. Envolta numa crosta dourada e crocante e temperada com uma mistura de ervas que evocavam a tradicional bifana, era uma homenagem ao passado sem deixar de ser uma novidade.

Os aldeões ficaram encantados com esta nova criação. Era ao mesmo tempo familiar e nova, uma extensão natural da sua querida bifana. A transição foi tão suave, tão orgânica, que muitos não conseguiam recordar exatamente quando exactamente tinha evoluído para este novo prato.

Na aldeia, a vida continuava com seu ritmo suave. Os sinos da igreja ainda tocavam, os pomares ainda davam frutos. A bifana, agora transformada em tarte, simbolizava a capacidade da aldeia de se adaptar e crescer sem perder sua essência. A mudança, afinal, não era algo a ser temido, e enriquecia as suas vidas de maneiras inesperadas.

Observações em torno de um ciclo de jantares comunitários.

RECEITUÁRIO





# EDUARDO OLIVEIRA

conversa com Ricardo Jacinto

*Na OSSO conhecemos o Eduardo Oliveira como carpinteiro exímio e "construtor" de grande imaginação. O Eduardo já colaborou várias vezes connosco, tanto na recuperação do nosso espaço como na construção de novos projectos, e "ouvimos dizer" que era em sua casa que se exprimia ao mais alto nível. Desafiámo-lo a abrir-nos as portas deste espaço recuperado na sua quase totalidade pelo próprio, e ali descobrimos uma arquitectura rigorosa e de enorme fulgor plástico, a par de uma ética de construção que, por ser tão exemplar, achámos que deveria ser partilhada no nosso Jornal.*

**RJ** - Eduardo, interessava-me contextualizar um bocadinho este teu trabalho de construção e recuperação da tua casa. Um trabalho completamente invisível, extremamente rigoroso, que tem lugar no teu território privado e que, quando lá fui, me impressionou muito. Na medida em que esta é também a tua ocupação profissional, será que a tua casa é um laboratório dos teus trabalhos? Como é que tu vês a sua recuperação em relação com o teu trabalho fora de portas?

**EO** - A minha casa não tem nada a ver com o meu trabalho. Eu, praticamente até aos 40 anos, trabalhei na construção civil.

**RJ** - Como carpinteiro?

**EO** - Não, não, mesmo construção civil. Trabalhei em Lisboa como encarregado de obras, por conta própria ou de outrem. Por isso, a minha casa é uma necessidade de criar uma beleza, porque é algo que eu necessito. E depois, uma coisa de que gosto bastante é: tentar fazer!

**RJ** - Porque tu construístes tudo?

**EO** - Tudo! Digamos que 98% foi feito por mim. Pontualmente, houve uma situação ou outra em que tive ajuda. De resto foi tudo feito por mim. Da pedra que pesa um quilo à pedra que pesa seiscentos quilos, fui eu sozinho que as meti no sítio onde elas agora estão. E as



madeiras a mesma coisa... As coisas surgem como? Muitas das coisas surgem sobretudo agora numa fase mais tardia, porque encontro elementos arquitectónicos que quero incorporar na casa, como é o caso dos ferros fundidos. Mas inicialmente, este tecto por exemplo, que tem para aí quinze anos, já foi feito depois de tirar um curso de marcenaria no CENCAL, em 2001.

**RJ** - Ok, isso já numa fase posterior...

**EO** - Sim, já. Mas a reconstrução da casa começou em “oitentas” e sete, talvez. Quando a minha avó saiu lá de casa, porque já estava débil, para ir para casa da minha tia ou da minha mãe. Foi aí que a casa ficou vaga e eu comecei, muito lentamente, a recuperá-la. Depois há uma evolução inevitável. Por exemplo, há lá um arco que foi a primeira coisa que fiz naquela casa. Por isso, o estilo já o tinha, não é? Embora não houvesse dinheiro para fazer muitas coisas como deviam ser feitas, na medida dos possíveis, fi-las! Com as hipóteses que tinha financeiramente! ...houve ali um período em que me meti a trabalhar por conta própria, e não correu bem, foi difícil... Mas pronto, desde oitenta e sete ou oitenta e oito, comecei arranjar aquela casa. Não a do moinho, que só comprei em 2011. Tudo o que está feito na casa do moinho foi agora nos últimos quinze anos! Agora, a que incluí estes dois tectos, corresponde à última fase da casa onde eu habito, porque era onde se encontrava a adega, ampla, com lagar e assim...

**RJ** - O desenho destas abóbadas e tectos, onde podemos encontrar referências diversas, como é que vão surgindo?

**EO** - Eu sempre gostei de arte. Tudo o que é gótico, tudo o que é românico, tudo o que é Gaudí. Sempre gostei. E depois, eu tenho uma coisa comigo... eu penso: “vou fazer isto!”, mas posso estar vinte anos sem o fazer, só que a ideia vai evoluindo na minha cabeça. Eu sei que o vou fazer, mas não coloco um prazo a mim próprio. Hoje em dia, com a idade, já vejo as coisas de outra forma. Por exemplo isto (aponta a foto de uma abóbada) esteve imaginado dez anos, esteve lá o tijolo empilhado dez anos. Eu não tenho pressa de fazer as coisas, eu sei que consigo e sei que as vou fazer, mas deixo-as amadurecer e amadurecer, e surge um pormenor... Felizmente, tenho uma capacidade de imaginar as coisas tridimensionalmente, e vou encaixando as coisas no meu imaginário. Já sei as peças que preciso, a maneira que as tenho que cortar...

**RJ** - E desenhais isso?

**EO** - Não, tudo de cabeça!

**RJ** - Incrível... tens aqui abóbadas que são bastante complexas de projectar!

**EO** - Ah sim, mas hoje em dia, com a idade a avançar, já me começo a libertar de certas pressões. Porque isto no fundo é uma pressão para mim, entendes? Eu passava os dias e noites a pensar nestas coisas, a elaborar e assim. Hoje em dia já não, já sei que tenho mais vida para trás do que para a frente, já não me preocupo com essas coisas. Mas antigamente, podia estar duas ou três horas na cama a pensar nos diferentes pormenores disto ou daquilo.

**RJ** - E nunca apontavas nada? Isso é como jogar xadrez sem tabuleiro! (risos)

**EO** - (risos) Nada, nada! Eu em certos jogos sou bom ou razoavelmente bom, porque há muitos jogos que tem a ver com o improviso. Porque sabemos o que pode acontecer! Ou acontece ou não acontece. Mas hoje em dia, isto para mim é muito simples (referindo-se à casa), foram “centos de horas” que eu despendi a pensar nestas coisas, e é por isso que houve uma evolução na minha casa. Mas desde o princípio

havia sempre um propósito, sobretudo o da beleza das coisas, que é uma necessidade para mim. Às vezes vejo pessoas a trabalhar, e fazem coisas mal feitas e custa-me assistir àquilo. Porque custa tanto fazer bem feito como mal feito.

**RJ** - Compreendo perfeitamente. Esse brio na construção e na bem feitura das coisas nota-se quando entramos em tua casa. Algo que a mim me entusiasma muito, que tu fazes frequentemente, é a reutilização e re-contextualização no edifício de um objecto encontrado! Identificas algo que é intrínseco ao seu desenho ou à sua materialidade e, parece-me, tentas que a sua recuperação seja fiel à sua pré-existência. Pegas nesse objecto e não o transformas radicalmente. É quase como se construísse o “pedaço de arquitectura” certa para ele voltar a existir. Faz sentido para ti esta observação?

**EO** - Faz. Eu respeito muito os objectos pelo trabalho que deram a fazer. A mão de quem fez aquilo, sobretudo objetos transformados manualmente, como a pedra, madeira ou ferro. Eu dou-lhe muito valor. É por isso que eu também tento imitar o que eles fizeram, para saber o trabalho que aquilo deu. Eu tenho muito respeito pelos ferreiros, porque é um trabalho extremamente duro e de onde saem peças fantásticas, de um material bruto que é preciso esforço e suor para o transformar. É por isso que os materiais que eu reutilizo têm mais valor para mim do que se fossem novos. Por exemplo, na churrasqueira, tenho lá três pilares em pedra. Para mim são três coisas fantásticas que ali estão, porque foi preciso um esforço enorme para transformar pedra bruta do chão em três pilares. Não são perfeitos, são arquitectura bruta, não é? Mas estão lá, existem, é evidente que a humanidade fez coisas muito mais interessantes que isso. Mas aquilo feito aqui há 100 anos ou 200 anos exigia muito esforço e para mim isso tem muito valor. Mas isso depois também tem a ver com uma necessidade interior de recuperar as coisas, digamos, não é?

**RJ** - E de manter! De recuperar e manter a memória dos lugares.



**EO** - Isso é outra coisa que me magoa um bocadinho porque as gerações mais novas não dão o mesmo valor. Isso vai-se perder tudo! Eu faço algum esforço em recuperar coisas, mas sei que é um esforço inglório, que não leva a nada, porque as coisas vão desaparecer na mesma. É assim, é inevitável.

**RJ** - Sim, eu acho que essa questão do esquecimento vai a par e passo com a construção da memória. Percebo a inevitabilidade. No entanto, também acho que da mesma forma que tu reconheces esse esforço nos objectos que reutilizas, também aplicas na sua recuperação um esforço similar. Uma coisa é produzirmos um material documental, este jornal e as suas fotografias, onde estamos a ajudar a preservar a memória de um lugar, mas a sua construção efectiva já lá está. Ou seja, há uma diferença muito grande entre tu teres a memória fotográfica ou entrares num espaço e estares debaixo destas abóbadas e perceberes o esforço que foi necessário e o esforço que está a ser exigido àquela arquitetura. Há muito poucas pessoas a fazer e a construir com essa dimensão ética. Porque há uma dimensão ética nessa recuperação. Onde eu queria chegar era a ouvir-te falar um bocadinho sobre esta questão da memória, porque também vimos alguns objectos que tu guardas, como peças de mobiliário, instrumentos ligados às actividades locais, desde à agricultura, ao vinho, até instrumentos de cozinha ou cerâmica. E eu percebi que tu escolhes as coisas por reconheceres uma espécie de qualidade intrínseca, em especial um atributo de beleza naqueles objectos. Faz sentido isto?

**EO** - Sim, faz, há realmente tudo isso! Mas é sobretudo a memória de uma fracção de tempo que eu ainda apanhei em que se utilizava aquilo e ver a evolução desse tempo para hoje. Como é que se vivia nesse tempo? Com coisas mínimas, não havia nada supérfluo. Tudo o que existia era necessário. E como as pessoas viviam! Eu praticamente já não apanhei o tempo de fazer comida em painéis de barro, mas tinha sido mesmo naquela altura que se tinha abandonado, e se calhar ainda havia aí alguém que usava painéis de barro ou cafeteiras de barro.

**RJ** - Estamos a falar de que período?

**EO** - Anos 50. Eu, anos 60, nasci em 62. Por isso, foi no limite! Aliás muitas das coisas que lá tenho foram utilizadas... Os ancinhos de madeira, as pás de madeira para limpar cereais na eira. Durante vinte anos, ainda vi usarem as eiras para malhar os feijões, as favas e assim. São objectos que faziam parte desse quotidiano, e que para mim têm significado sobretudo por isso, porque eu ainda conheci esse tempo e era realmente um tempo de “trabalho-casa-trabalho”, não havia vida além disso. Mas estes objetos, e tem graça, é que as pessoas têm necessidade de os embelezar! Mesmo objectos simples, de utilização diária, por mais corriqueiro que fosse o uso, quem os fazia tentava dar-lhe algo de belo, fazer-lhe um arabesco por exemplo. E é isso que acho graça nesses objectos, sobretudo nos objectos de madeira que eram usados na agricultura. Como uma canga dos bois, havia um ou outro que lhe fazia um cinco saímão. Enfim, a natureza humana necessita dessas pequenas coisas ou para diferenciá-las ou para dizer “eu faço mas acrescento-lhe mais um pormenor!”

**RJ** - Continuando aqui a falar da preocupação da memória dos objectos e daquilo que foi uma outra vida neste lugar, tenho testemunhado em mais pessoas aqui na aldeia, de formas diferentes, o interesse em preservar estes “espólios”. Parece que há uma preocupação em que não se perca algo que foi tão identitário, no seu melhor sentido, como se fossem uma espécie de documentos de outras vidas.

**EO** - No fundo, Ricardo, o mundo está a sofrer uma transformação em que nada vai ser igual ao que era. E basta, daqui por uns anos, estarmos a receber dois ou três milhões de pessoas de outras culturas neste país. O que é que isso vai fazer? Vai fazer esquecer toda a nossa cultura? Ou irá, pelo menos, misturá-las de tal forma que há coisas que vão deixar de ter importância. Tudo o que fazia parte da identidade de uma aldeia vai desaparecer daqui a uns anos, porque serão mais os estrangeiros que a habitam que os da terra mesma. Isso faz com que tudo nesta terra deixe de fazer sentido.



**RJ** - Poderá ou não... mas a minha pergunta vai mais neste sentido: Achas que poderia haver a nível da aldeia, da freguesia ou do município, uma preocupação do ponto de vista cultural e até económico para preservar essa memória? Há alguma coisa que tu achas que se poderia fazer que não está a ser feito?

**EO** - Não sei, é difícil, a evolução é mesmo isso... Um museu etnográfico? Já há para aí tantos. Não sei, acho que faz parte do progresso ser assim, nunca pensei muito nisso. Nunca pensei que a câmara tivesse que o fazer ou deixar de fazer.

**RJ** - E faria sentido nas escolas, conhecerem este tipo de trabalho e perspectiva, que algumas pessoas da aldeia fazem, em torno da memória deste lugar? Será que isto não poderia ter um bocadinho mais de visibilidade?

**EO** - Tudo isto que eu fiz, nunca em algum momento houve uma intenção de o fazer para deslumbrar fosse quem fosse. Tudo o que eu fiz foi a pensar “eu quero fazer porque quero ter, ou ver feito ou existir no meio disto. Fazer a minha vida no meio desta arquitectura que eu gosto.” Mas nunca pensei, por um minuto, que estava a fazer isto para depois levar lá alguém para ficar deslumbrado. E hoje continua a ser assim... vocês foram lá porque de uma forma ou outra demonstraram interesse em ir. É evidente que quando lá vão (pessoas) e gostam, eu me sinto bem! É normal, não é?

**RJ** - Claro, e ainda bem que isso acontece!

**EO** - Mas nunca o fiz com a ideia de abrir para outras pessoas verem. Fi-lo para mim, sobretudo. Aceito que as pessoas gostem, porque eu gosto e com certeza que também há muita gente que gosta.

**RJ** - Mas se não for para gostar, e não digo no sentido de lição, mas mais no sentido de sugestão de mostrar o que pode ser feito, com uma ética de trabalho muito forte.

**EO** - Sim, isto é possível ser feito! Se vocês gostam, um dia podem vir a fazer. E sim, tem uma ética de trabalho associada e sobretudo, beleza!



(Apis mellifera)

# ABELHA-EUROPEIA

As abelhas, consideradas um dos insetos mais importantes para o equilíbrio ecológico, desempenham um papel vital na polinização global. Com cerca de 20 mil espécies identificadas, a abelha-europeia (Apis mellifera) destaca-se pela sua produção de mel e cera.

Conhecidas pela sua organização hierárquica exemplar, as colónias de abelhas são lideradas por uma rainha, a única fêmea fértil responsável pela reprodução. Os zangões, ou machos, garantem a continuidade da espécie ao reproduzirem-se com a rainha, enquanto as operárias se dedicam à manutenção da colmeia, produção de mel e defesa da colónia.

Esses pequenos insetos têm um impacto colossal no ecossistema, já que aproximadamente 75% das culturas alimentares mundiais dependem da polinização. Embora involuntária, a polinização realizada pelas abelhas ao transportarem pólen de flor em flor é essencial para a existência de muitos seres vivos. Portanto, a proteção das colónias de abelhas contra predadores, como a vespa asiática (Vespa velutina), o uso excessivo de pesticidas e a destruição de habitats naturais é fundamental.

Para reforçar a conservação das abelhas, é crucial reduzir o uso de pesticidas, criar áreas de refúgio e alimentação, além de implementar políticas de proteção das espécies ameaçadas. Colaborações entre empresas e associações de apicultores também são essenciais para incentivar a preservação das abelhas.

## Curiosidades Sobre as Abelhas

- Polinização Alimentar: as abelhas são responsáveis pela polinização de cerca de um terço dos alimentos consumidos.
- Atividade Diária: uma abelha pode visitar até duas mil flores por dia em busca de néctar e pólen.
- Comunicação Dançante: as abelhas comunicam a localização de fontes de alimento através de uma "dança das abelhas".
- Reconhecimento Facial: são capazes de reconhecer rostos humanos, incluindo os dos apicultores.
- Diversidade em Portugal: das 20 mil espécies globais, 750 podem ser encontradas em Portugal.
- Defesa e Sobrevivência: as abelhas-fêmeas possuem ferrões com glândulas de veneno; apenas as operárias morrem após picar devido às farpas em seus ferrões, enquanto as rainhas sobrevivem após ferroar.
- Domesticação e Produtos: a Apis mellifera foi domesticada por apicultores, produzindo mel, pólen, própolis, cera e geleia real, essenciais para a alimentação e diversas atividades humanas.

As abelhas, mais do que meras produtoras de mel, são pilares do equilíbrio ecológico e da segurança alimentar global. Proteger essas pequenas guardiãs é essencial para a saúde do nosso planeta.





